



O DESPERTAR DA JIBOIA: UM CAMINHO DE AUTODESCOBERTA E TRANSFORMAÇÃO

THE AWAKENING OF THE BOA: A PATH OF SELF-DISCOVERY AND TRANSFORMATION

Karlene Bianca de Oliveira

Doutoranda em Antropologia pelo PPGA/UFPA.

karlene.bianca@gmail.com

Thaís de Sá Oliveira

Doutoranda em Filosofia pela Universidade da Beira Interior - UBI/Portugal.

psicotathy00@gmail.com

Resumo

Este estudo investiga as intersecções entre a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre e a etnografia, com foco no papel transformador da imaginação. Partindo da noção sartriana de liberdade e responsabilidade, o artigo explora como a consciência humana, por meio do imaginário, transcende o mundo concreto e possibilita a criação de novos sentidos e identidades. A experiência ritualística é analisada como um espaço liminar, conforme as interpretações de Clifford Geertz e Victor Turner, onde o indivíduo abandona temporariamente suas identidades sociais para explorar possibilidades inéditas de existência e sentido. Através de um relato etnográfico de uma experiência psicodélica, o estudo ilustra como a fusão entre o real e o imaginário proporciona ao indivíduo uma reconciliação profunda consigo mesmo, promovendo a autenticidade e a liberdade. Esta abordagem híbrida evidencia que o imaginário, além de ser uma forma de transcender a realidade, funciona como ferramenta de cura e ressignificação, permitindo que o ser humano reconstrua sua identidade dentro de contextos culturais significativos. Assim, o artigo oferece uma visão interdisciplinar que une filosofia e etnografia para entender a complexidade da experiência humana e o papel da imaginação na transformação pessoal.

Palavras-chave: Imaginação. Liberdade. Transcendência. Existencialismo. Etnografia.

Abstract

This study investigates the intersections between Jean-Paul Sartre's existentialist philosophy and ethnography, focusing on the transformative role of imagination. Drawing on Sartre's notions of freedom and responsibility, the article explores how human consciousness, through the imaginary, transcends the concrete world, allowing for the creation of new meanings and identities. Ritualistic experience is analyzed as a liminal space, according to the interpretations of Clifford Geertz and Victor Turner, where individuals temporarily abandon their social identities to explore new possibilities of existence and meaning. Through an ethnographic account of a psychedelic experience, the study illustrates how the fusion between reality and imagination enables a profound reconciliation of the individual with themselves, fostering authenticity and freedom. This hybrid approach demonstrates that imagination, beyond being a means to transcend reality, functions as a tool for healing and re-signification, allowing individuals to reconstruct their identity within meaningful cultural contexts. Thus, the article offers an interdisciplinary perspective that combines philosophy and ethnography to understand the complexity of human experience and the role of imagination in personal transformation.

Keywords: Imagination. Freedom. Transcendence. Existentialism. Ethnography.

1. Introdução

O estudo aqui proposto neste artigo explora as interfaces entre a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre e a etnografia, destacando a imaginação humana como ferramenta de autodescoberta e transformação identitária. Inserido no contexto do imaginário e da liberdade radical, o trabalho investiga como o conceito sartriano de imaginação permite à consciência transcender a realidade concreta, revelando a liberdade criativa e, ao mesmo tempo, o peso da responsabilidade e angústia associados a essa liberdade inata. Sartre considera que a consciência, ao ser confrontada com o vazio de essências pré-determinadas, é compelida a criar significado, enfrentando a angústia e o paradoxo de uma liberdade absoluta. Para além da teoria filosófica, este estudo incorpora uma análise etnográfica de rituais psicodélicos, entendidos como práticas culturais onde o imaginário permite a reformulação da identidade e das relações do sujeito com o mundo.

Essa abordagem híbrida visa iluminar a questão filosófica abstrata da liberdade e da criação de sentido ao trazer a etnografia como um meio para fornecer exemplos concretos e vividos que ressoam com o imaginário e os temas de autotransformação. Através da observação etnográfica de rituais, este trabalho sugere que as experiências psicodélicas funcionam como “rituais de passagem” que ilustram como o sujeito é capaz de criar significados transformadores. As noções de liminaridade de Victor Turner e a interpretação cultural de Clifford Geertz complementam a perspectiva sartriana, demonstrando como esses rituais permitem aos participantes não apenas romper com identidades passadas, mas também vivenciar uma conexão renovada com seu entorno e com os outros, iluminando os caminhos da imaginação no processo de autoconstrução.

Assim, a tese do artigo é que a imaginação, enquanto ato de liberdade e transcendência, é uma via fundamental para o autoconhecimento e a cura psicológica e social. Ao investigar como o imaginário atua como um espaço de criação e transformação de si mesmo, o estudo tem por objetivo oferecer uma visão crítica e interdisciplinar que destaca a importância dos contextos culturais e rituais no processo contínuo de ressignificação do ser e do mundo ao redor.

2. Imaginário e liberdade em Sartre: uma exploração filosófica da criação de sentido, angústia e autenticidade

No presente texto, partiremos da filosofia de Jean-Paul Sartre para esboçar um estudo antropológico e filosófico acerca do imaginário. Tal filosofia é marcada por uma abordagem existencialista que coloca a liberdade e a responsabilidade humanas no centro da experiência de existir. Para Sartre, a consciência – marcada pela *intencionalidade*¹ – é essencialmente livre e criadora, sempre capaz de transcender a realidade concreta e abrir novas possibilidades de sentido. No entanto, essa liberdade radical traz consigo um fardo: a angústia diante da ausência de essências ou fundamentos externos que orientem nossas escolhas. Além disso, a tensão entre o real e o imaginário, bem como a tendência de fugir da liberdade por meio da má-fé, moldam a maneira como lidamos com a responsabilidade de nos criarmos continuamente. Neste momento, exploraremos essas noções centrais da filosofia sartriana, como a imaginação, a transcendência, a angústia, a má-fé e a autenticidade, articulando-as à luz de seu compromisso com a liberdade como essência inescapável da condição humana.

Segundo Sartre, a imaginação desempenha um papel crucial na revelação da liberdade humana, pois é através dela que o ser transcende o real e concebe novas possibilidades de existência. O ato de imaginar, para o filósofo, “é um ato mágico. É um encantamento destinado a fazer aparecer o objeto no qual pensamos, a coisa que desejamos, de modo que dela possamos tomar posse” (SARTRE, 1996, p. 165). Este ato permite que a consciência crie e apresente uma representação intencional de algo ausente ou inexistente, como se estivesse temporariamente “encantando” ou invocando esse objeto para torná-lo acessível; assim, a consciência pode explorar, desejar ou transformar esse objeto, embora ele não exista de fato no mundo real.

A imaginação, portanto, não é uma simples cópia da realidade, mas um ato ativo e criativo da consciência, que apresenta o objeto de forma irreal, como *nada (néant)*, e lhe confere existência apenas como uma possibilidade ou uma ausência. Ao imaginar, o indivíduo não se limita a reproduzir o que é dado, mas nega o mundo tal como ele é e projeta o que poderia ser, evidenciando a capacidade criativa da consciência. Isso expressa a transcendência, isto é, a capacidade do ser humano de ir além de si mesmo, projetando-se

¹ “Toda consciência, como mostrou Husserl, é consciência *de* alguma coisa” (SARTRE, 2007, p. 22). Toda consciência é inherentemente intencional, está sempre dirigida a um objeto. Segundo a teoria fenomenológica da intencionalidade, originada em Husserl, a consciência não existe isoladamente ou como um “conteúdo” interno, mas está sempre voltada para algo fora de si, em um ato de direcionamento para o mundo.

para o futuro e criando significados. A transcendência está diretamente ligada à noção de liberdade, já que a consciência, ao transcender o que está dado, afirma sua condição de *para-si*², ou seja, sua liberdade de escolha e criação.

Entretanto, a liberdade, ao ser radical e sem limites pré-determinados, é também fonte de angústia. Sartre entende a angústia como o sentimento que surge ao percebermos que somos inteiramente responsáveis por nossas escolhas em um mundo sem essências ou guias externos. Essa angústia também é explorada por filósofos como Kierkegaard e Heidegger³, embora o filósofo francês a vincule mais diretamente à ideia de responsabilidade total pela criação de si mesmo⁴. Ser livre, assim, implica enfrentar a angústia e assumir que estamos condenados a fazer escolhas constantemente.

No entanto, a consciência, angustiada por sua liberdade, tenta negar tal liberdade por meio da má-fé, uma atitude em que o indivíduo tenta evitar a responsabilidade por suas escolhas, tratando-se como um ser determinado por fatores externos ou fixos. Na má-fé, o sujeito foge de sua liberdade, recusando-se a transcender sua situação e escolhendo viver como se fosse um objeto do mundo, um *em-si*. A má-fé, portanto, é um autoengano que tenta mascarar a liberdade e o peso da responsabilidade, é uma estratégia psicológica e existencial que evita encarar a verdade de que somos sempre responsáveis por nossas escolhas.

Nesse contexto, a relação entre o imaginário e o real é fundamental, pois, ao imaginar, o ser humano transcende o mundo real e cria possibilidades de existência. O real refere-se ao que é fixo e objetivo, uma vez que o real é aquilo que existe independentemente da consciência e que se impõe a ela de maneira objetiva. Enquanto o real se apresenta à consciência com uma resistência própria a ser percepcionada, o imaginário é uma criação interna da consciência, que não possui essa mesma resistência física e independente. O imaginário, assim, é um ato de liberdade, no qual a consciência nega o mundo como ele é e projeta algo novo. A imaginação, portanto, não só reflete a capacidade de escapar do dado,

² Na ontologia fenomenológica de *O ser e o nada*, Sartre aborda duas regiões de ser: *em-si* e *para-si*. O segundo refere-se à consciência humana, que se caracteriza pela capacidade de refletir sobre si mesma e de transcender o que é dado, ao contrário do *em-si*, que é caracterizado por uma existência plena e fixa, sem consciência, reflexão ou possibilidade de mudança, simplesmente sendo o que é.

³ Sobre a angústia para Kierkegaard e para Heidegger, Sartre escreve: “Kierkegaard, descrevendo a angústia antes da culpa, caracteriza-a como angústia frente à liberdade. Mas Heidegger, que, como se sabe, sofreu profundamente a influência de Kierkegaard, considera a angústia, ao contrário, como captação do nada. Duas descrições da angústia que não parecem contraditórias, mas, ao contrário, implicam-se mutuamente” (SARTRE, 2007, p. 72-73).

⁴ “[...] o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser” (SARTRE, 2007, p. 678).

mas também revela a transcendência da consciência sobre o real, evidenciando a liberdade que a caracteriza.

Por fim, a autenticidade surge quando o indivíduo aceita plenamente sua liberdade e responsabilidade. Ser autêntico, para Sartre, é reconhecer que não há uma essência pré-determinada que define quem somos, e que estamos constantemente criando a nossa própria existência. A autenticidade, assim, exige a sustentação da angústia, permitindo que o indivíduo viva de acordo com a liberdade radical que lhe é inerente. Portanto, a autenticidade é uma forma de existência em que o ser humano assume sua condição de liberdade e responsabilidade, moldando ativamente sua vida e transcendendo as limitações impostas pelo real.

3. Rituais psicodélicos e a transformação do ser: um diálogo entre etnografia e filosofia

A abordagem etnográfica, fundamental para a antropologia contemporânea, enfatiza a importância de entender a subjetividade dos indivíduos dentro de seus contextos culturais. Clifford Geertz, em sua tradição interpretativa, destaca que as experiências psicodélicas são profundamente pessoais e repletas de simbolismo, influenciadas pelas narrativas e significados construídos dentro de cada cultura. Para Geertz, essas experiências não são meros eventos isolados, mas rituais que permitem aos indivíduos explorar e reinterpretar suas identidades e seu lugar no mundo. Por outro lado, Victor Turner oferece uma perspectiva complementar ao considerar essas vivências como rituais liminares, onde os participantes transitam entre estados de consciência e identidades sociais, possibilitando a transformação e a autoexploração. Para Turner (1974, p. 117):

Os atributos de liminaridade, ou de personae (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e ceremonial.

Assim, as experiências psicodélicas se revelam como práticas culturais significativas, que vão além do individual, refletindo processos coletivos de mudança e ressignificação na vida dos indivíduos e nas dinâmicas sociais.

Para Geertz, é fundamental considerar a perspectiva subjetiva dos indivíduos. As experiências psicodélicas são, em sua maioria, profundamente pessoais e podem levar a insights significativos sobre a vida, a morte, a natureza e as relações humanas. Essa subjetividade é crucial para entender como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências, uma vez que “as disposições que os rituais religiosos induzem, assim, seu impacto mais importante — do ponto de vista humano — fora dos limites do próprio ritual, na medida em que refletem de volta, colorindo, a concepção individual do mundo estabelecido como fato” (GEERTZ, 1978, p. 87). Segundo o antropólogo, essas experiências geram histórias e narrativas que podem ser compartilhadas, contribuindo para a construção de narrativas pessoais e/ ou coletivas e que auxiliam na formação de identidades, uma vez que sugerem que ajudam as pessoas a entender sua existência e lugar no mundo.

O contexto cultural é de extrema importância para o autor, já que a forma como as experiências psicodélicas são entendidas e valorizadas é profundamente influenciada pelo contexto em que ocorrem. Geertz (1978, p. 15) argumenta que a cultura é um sistema de significados que as pessoas criam e interpretam, afirmando que:

A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea.

As experiências psicodélicas, muitas vezes carregadas de simbolismo, podem ser vistas como rituais que permitem aos indivíduos explorar e construir novos significados sobre si mesmos e o mundo ao seu redor. Essas experiências oferecem uma forma de interpretação da realidade que transcende as normas culturais habituais.

Já para Victor Turner, as experiências psicodélicas poderiam ser interpretadas através de sua concepção de rituais como um processo de transição e transformação. Turner desenvolveu a ideia de “liminaridade”, referindo-se ao estado de estar entre duas fases, onde os indivíduos saem de suas identidades sociais habituais e entram em um espaço de potencial e renovação.

Nesse contexto, as experiências psicodélicas poderiam ser vistas como rituais liminares, onde os participantes, ao ingerirem substâncias psicodélicas, passam por um estado alterado de consciência. Esse estado pode permitir a dissolução das normas sociais e identidades, criando um ambiente propício para a autoexploração e a construção de novos significados. Durante essa fase liminar, os indivíduos podem experimentar um senso de comunhão e conexão com os outros, além de uma nova percepção do mundo e de si

mesmos. Ao final dessa experiência, assim como nos rituais tradicionais, os participantes provavelmente retornarão à sua vida cotidiana com novas perspectivas e compreensões, completando um ciclo de transformação. Portanto, para Turner, as experiências psicodélicas não seriam apenas viagens pessoais, mas sim rituais coletivos que podem facilitar mudanças profundas na identidade e nas relações sociais.

Em conclusão, a etnografia se apresenta como uma valiosa ferramenta para complementar o estudo filosófico da imaginação segundo Sartre, ao fornecer um entendimento mais profundo das vivências individuais e coletivas dentro de contextos culturais específicos. Através das lentes de Geertz e Turner, podemos observar como as experiências psicodélicas funcionam como rituais que não apenas desafiam as normas sociais, mas também potencializam a imaginação ao permitir que os indivíduos reinterpretam suas identidades e realidades. Essa perspectiva etnográfica enriquece a filosofia sartriana ao enfatizar a importância da subjetividade, destacando como as narrativas e significados construídos culturalmente moldam a imaginação e a compreensão do ser no mundo. Assim, a intersecção entre etnografia e filosofia não apenas amplia o escopo da análise das experiências humanas, mas também ilumina o papel da imaginação na construção de identidades e na busca de significado, ressaltando a complexidade e a riqueza da experiência humana.

4. Métodos filosóficos e etnográficos na análise das experiências psicodélicas: fenomenologia e autoetnografia

No presente estudo, utilizaremos a fenomenologia como metodologia filosófica para descrever e interpretar as experiências vividas do indivíduo autor do relato dentro do seu contexto cultural, entendendo como ele percebe e atribui significados às suas ações e práticas. Concentrando-se na perspectiva desse indivíduo, reconhecemos que a experiência humana é subjetiva e não pode ser reduzida a dados quantitativos. Para uma interpretação do imaginário, exploraremos como o imaginário social e cultural influencia as práticas e rituais, considerando como as representações e simbolismos moldam a experiência vivida dos indivíduos.

Como metodologia antropológica, utilizaremos a etnografia que, segundo Geertz, exige uma análise interpretativa e sensível ao contexto, na qual o significado dos eventos é

central para a compreensão cultural. Para ele, a coleta de dados etnográficos envolve uma abordagem interpretativa e contextualizada, tendo como base eventos e seus significados. No caso do relato do presente texto, o evento é uma experiência psicodélica e sua análise se dá por acontecimentos e ocasiões concretas, como também o mergulho no domínio empírico das dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, moralidade, senso comum, entre outras. Nas palavras de Geertz (1978, p. 20):

O que o etnógrafo enfrenta, de fato, é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. (...) Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios do comportamento modelado.

Sendo assim, o etnógrafo tenta ler e interpretar determinadas situações, comportamentos e práticas culturais em determinado grupo, abordando suas ambiguidades, contrariedades e as influências dos fatores externos.

Optamos pela utilização da autoetnografia no relato por se tratar de uma metodologia que tem sido utilizada na antropologia e em outras ciências sociais desde a década de 1970, especialmente entre os antropólogos pós-modernos. Ela envolve a reflexão e análise da própria experiência e práticas culturais do pesquisador, tornando-se uma forma de “etnografia de si mesmo”. A autoetnografia se baseia na ideia de que o pesquisador é também um ator social e cultural, que está inserido em um contexto específico e que tem suas próprias crenças, valores e práticas. Assim, ao invés de tentar estudar um “outro” distante e objetivo, o etnógrafo busca compreender sua própria experiência e como ela se relaciona com o contexto cultural e social em que está inserido (BEHAR, 1996).

Para justificar a utilização da autoetnografia, temos importantes referências teóricas, como o já citado Clifford Geertz (1978) que, em *A interpretação das culturas*, destaca a importância da reflexividade e da contextualização na antropologia; Ruth Behar (1996) em *The vulnerable observer: anthropology that breaks your heart*, que argumenta que o pesquisador deve ser vulnerável e reflexivo em sua própria pesquisa e Carolyn Ellis (2004) em *The ethnographic I: a methodological novel about autoethnography*, que explora a relação entre o eu do pesquisador e a etnografia.

A escolha por essa metodologia, portanto, permite uma reflexão crítica sobre a própria prática e crenças do pesquisador, oferece uma perspectiva mais subjetiva e pessoal

sobre a experiência cultural e pode ser uma forma de resistência à objetificação e à essencialização dos “outros”. O relato aqui apresentado é um recorte de uma pesquisa de doutorado⁵, a experiência relatada ocorreu durante um festival com a utilização de diversas substâncias psicodélicas na aldeia Pinuya, no município de Tarauacá, estado do Acre, Brasil. Ele foi escrito após a experiência no caderno de campo.

5. Despertar do imaginário: reflexões sobre autoetnografia e transformação pessoal

James Clifford explora a profundidade da observação participante como uma prática que envolve o pesquisador em um processo de tradução cultural complexo e transformador. Para ele, “a observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um desarranjo das expectativas pessoais e culturais” (CLIFFORD, 2014, p. 19-21). Além disso, segundo ele, “a etnografia está imersa na escrita. Essa escrita inclui uma tradução da experiência para a forma textual. O processo é complicado pela ação de múltiplas subjetividades e constrangimentos políticos que estão acima do controle do escritor” (CLIFFORD, 2014, p. 21).

O autor, portanto, auxilia no entendimento da importância de experimentar as dificuldades e nuances da tradução cultural, que podem ser semelhantes às experiências psicodélicas, sendo que essas experiências, no relato associadas ao uso de substâncias psicoativas, podem levar a uma maior abertura mental, percepção ampliada e questionamento das expectativas e crenças pré-concebidas. Da mesma forma, a observação participante e a autoetnografia pode levar o pesquisador a questionar suas próprias expectativas e pressupostos culturais, promovendo uma maior compreensão e empatia pelo contexto estudado. Ambas as experiências – a psicodélica e a observação participante – podem ser vistas como formas de “despertar o imaginário” ou “expandir a consciência”, de uma maneira que permita compreender a complexidade humana e cultural.

⁵ Pesquisa de doutorado em Antropologia Social sendo desenvolvida pela autora do artigo Karlene Bianca de Oliveira na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Para o relato presente, o caderno de campo foi essencial e permitiu que nenhuma informação fosse deixada para trás. Como a experiência está inserida dentro de um festival, o caderno de campo auxiliou na descrição da experiência, observações e questionamentos da interlocutora, além de pontuações acerca de questões políticas e de poder que estavam postas⁶.

Para avançar na análise proposta, faz-se necessário reproduzir na íntegra o relato que será analisado:

Basta! Chegou a hora de não deixar os outros ditarem quem eu sou, só eu posso dizer quem eu sou! E sou muito mais do que rótulos!

Por onde começar? Que caminho seguir? O caminho precisa ser linear? Existe uma cura?

Mais questões, mais julgamentos (Dos outros? De mim?) ...Quem eu sou, é possível saber? É necessário?

Aqui eu sinto os devires da mulher que se transforma cotidianamente.

Cheiros, sons, temperatura...tudo diferente e intensificado. Estava sozinha, ou melhor, me sentia sozinha, pois não conhecia nenhum ser que ali estivesse, a língua era outra e a comunicação também.

Pisei na terra, olhei para meus pés enlameados e conectados com a energia daquele lugar. Meus olhos demoraram para se acostumar com a escuridão, era mais intensa e a claridade da fogueira estava distante de onde meus pés se encontravam.

A floresta é imensa e eu me sinto pequena...

Caminho, penso que são horas, mas na verdade são minutos...me aproximo da claridade.

Os presentes ali, estão nos preparamos do ritual daquela noite, um se aproxima de mim, aponta para meus pés enlameados e rindo me diz que naquela noite, eu iria ser a terra e a terra seria eu...estava com medo, mas disposta.

A cantoria começou... mastigo algo terroso junto com um líquido escuro e amargo, ouvindo aquele canto rezó várias vezes.

Escuridão, nada enxergo, sinto frio, meu corpo dói, me deito em posição fetal, as vozes dizendo que não sou capaz em um primeiro momento estão distantes, mas se aproximam, são gritos, de vozes diferentes.... VOCÊ NÃO CONSEGUE! FRACA! DESISTA!

Vou me aninhando, quero diminuir, ser um feto ou desaparecer, choro, quero gritar, me posicionar, mas não consigo, só vou sentindo os berros e me encolhendo, esperando passar...horas e horas e não passa...será que conseguirei sair daquele lugar?

Vejo uma claridade, distante, mas não consigo me mexer, coloco minha atenção na claridade e aos poucos os gritos se distanciam...

⁶ As autoras pretendem desenvolver em outro artigo a relação das questões políticas e de poder presentes nos rituais com psicodélicos e como interferem diretamente nas experiências.

DESISTA!

DE...SIS...ta!

Desista...de...

Sumiram os gritos e a claridade se intensifica completamente! Não há mais escuridão e a luz ofusca minha visão e meus pensamentos!

Aos poucos, consigo me mexer, meu corpo dói, dói muito.

Vou acostumando minha visão à intensa claridade e quando vejo estou em outro lugar... um que não estava antes... estou sentada aos pés de uma árvore enorme, talvez uma sumaré, me apoio em suas raízes e consigo ficar em pé.

Abraço aquela árvore, sinto meu corpo dolorido e uma força da terra puxando a dor que vai ficando mais amena. Olho ao meu redor, não há mais claridade, nem escuridão, vejo a fogueira novamente, parece distante demais para eu caminhar até lá, ouço uma voz no vento que balança as folhas: apenas caminhe.

Caminho, estou curvada, mas a cada passo, sentindo a dor indo para a terra, vou ficando ereta.

Chego na clareira, me sento próxima da fogueira, o calor está intenso demais, me afasto, vou em direção da canção dos ventos, deito na terra, peço que ela leve embora a dor.

Fecho meus olhos.

Imagens da minha infância, da minha mãe, da minha avó, bisavó, vó, tio, tia, pai, filha, todos que estão ou já estiveram na minha vida habitam minha mente como flashes... seria um sonho, não sei... os flashes são rápidos, mais reais, sinto na pele, no sangue, em todo meu corpo a sensação de cada flash.

Sinto medo, abro os olhos, estou no mesmo lugar, mesmas pessoas, a dor diminuindo... olho para as enormes árvores ao meu redor, me sinto pequena, olho para meus pés, ainda enlameados e vejo algo próximo deles, olho com mais atenção, levantando meu tronco e vejo uma jiboia, ela é real, não é, não sei dizer, fecho meus olhos.

Sinto calor, abro os olhos, está amanhecendo, a jiboia ainda está lá, ela sou eu e eu sou ela, ao mesmo tempo, ela está enrolada no meu corpo, ouço o canto:

Yube nawa a—bu, e e e, e e e e Hushu buru namaki, e e e e, e e e e.

Sinto algo gelado em todo meu corpo, é a jiboia, não sinto medo, a dor está passando.

Vejo várias pessoas andando e conversando, olham para mim, comentam coisas que não entendo, se distanciam, a jiboia que está comigo e que sou eu leva minha dor embora.

Ela é real? Eu sou ela? Me questiono.

Alguém que não conheço se aproxima e diz: ela é você e você é ela, tudo é real e está acontecendo no agora.

Sorrio, já sem dor, porque mesmo sem entender, eu sinto.

A jiboia se mexe, serpenteando passa por todo meu corpo, eu levanto e me mexo com vitalidade.

Caminho e quando olho para minha sombra, é a jiboia que vejo.

Em síntese, a exploração da observação participante, conforme analisada por James Clifford, revela-se uma ferramenta poderosa e multifacetada que não apenas enriquece a pesquisa etnográfica, mas também transforma a experiência do pesquisador em um processo de autodescoberta e questionamento. Através das dificuldades e complexidades dessa prática, o pesquisador é instigado a enfrentar suas próprias expectativas culturais e subjetividades, promovendo uma compreensão mais profunda e empática do contexto estudado. Ao traçar paralelos com experiências psicodélicas, destacamos como ambas as abordagens podem servir como catalisadores para um “despertar do imaginário”, permitindo uma expansão da consciência que é fundamental para a verdadeira apreciação da diversidade cultural e humana. Assim, a observação participante se afirma não apenas como um método, mas como um caminho para a transformação pessoal e coletiva, revelando as sutilezas da condição humana em suas múltiplas dimensões.

6. Imaginário e transcendência: explorando a experiência etnográfica sob a perspectiva sartriana

Para refletir sobre o relato etnográfico a partir da teoria da imaginação proposta pela filosofia sartriana, exploraremos como a experiência vivida pela narradora se entrelaça com a criação de significados e a transformação da identidade. No relato, a protagonista passa por um processo de autodescoberta e metamorfose, que reflete a ideia sartriana de que a imaginação é um ato que permite à consciência projetar-se para além do imediato, reconfigurando sua relação com o mundo e consigo mesma.

A luta interna da narradora, marcada por medos e dúvidas, revela o papel da imaginação como uma ferramenta de resistência e transformação. Ao se conectar com a terra e os elementos do ritual, ela não apenas imagina, mas vivencia uma realidade ampliada, na qual sua identidade se funde com a jiboia, simbolizando uma nova compreensão de si. Esse entrelaçamento entre o real e o imaginário ilustra a proposta sartriana de que a imaginação permite acessar dimensões profundas da experiência humana, possibilitando uma reinterpretação da própria identidade e dos significados culturais, ao mesmo tempo em que a liberta das imposições externas e dos rótulos. Assim, a narrativa etnográfica se torna um espaço onde a imaginação não apenas cria, mas também transforma a realidade vivida,

conectando-se intimamente com as reflexões filosóficas sobre o papel da imaginação na construção da identidade e do sentido.

Para analisar o relato etnográfico proposto a partir da teoria sartriana sobre o imaginário, nos centraremos em alguns aspectos centrais.

1) *A imaginação como liberdade e criação de sentido*: como visto anteriormente, a imaginação para Sartre é um ato intencional da consciência que transcende o que é dado pela realidade material. No relato, a narradora passa por uma experiência de fusão com a natureza (a terra, a floresta, a jiboia) que intensifica sua percepção da realidade e de si mesma. Isso reflete a ideia sartriana de que, através da imaginação, o ser humano pode criar novos significados e transformar sua relação com o mundo. A jiboia, por exemplo, deixa de ser apenas um animal externo e se torna uma metáfora da própria existência da narradora, uma representação simbólica de sua transformação.

2) *A liberdade radical e o projeto existencial*: Sartre afirma que o ser humano está condenado a ser livre, o que significa que, apesar das circunstâncias, sempre somos responsáveis por nossos atos e por dar sentido à nossa existência. No relato, a narradora decide tomar as rédeas de sua identidade, afirmando: “Basta” Chegou a hora de não deixar os outros ditarem quem eu sou, só eu posso dizer quem eu sou!”. Isso expressa a liberdade existencial de escolher seu próprio projeto de ser, rejeitando as identidades impostas por outros. Essa busca de identidade durante a experiência relatada reflete a noção de projeto em Sartre, segundo a qual a pessoa se projeta em direção ao futuro, construindo a si mesma em um processo contínuo de escolhas. A narradora não aceita rótulos e se questiona sobre a necessidade de saber quem é, expressando a angústia existencial diante da própria liberdade e do potencial de se transformar.

3) *Angústia e transcendência*: A experiência de enfrentar a escuridão, os gritos internos (“VOCÊ NÃO CONSEGUE! FRACA! DESISTA!”) e o medo de ser incapaz reflete a angústia existencial que Sartre descreve. A angústia surge da consciência de nossa liberdade e da responsabilidade de construir o próprio sentido da vida. Durante o ritual, a narradora sente-se sufocada pela pressão de desistir, mas ao se concentrar na claridade e continuar o processo de transformação, ela transcende essa angústia e encontra uma nova forma de estar no mundo. Sartre argumenta que a transcendência é a maneira pela qual a consciência vai além do que ela é *em-si* e se projeta *para-si*. A narradora transcende sua identidade inicial ao aceitar sua fusão com a jiboia, reconhecendo sua interconexão com o mundo e com a própria

natureza. Ela experimenta uma liberdade que vai além dos julgamentos alheios e da limitação do ego individual.

4) *Relação entre o imaginário e o real*: no relato, a narradora questiona constantemente o que é real e o que é imaginário: “a jiboia é real? Eu sou ela?”. Para Sartre, o imaginário não é uma mera ilusão, mas uma forma de se relacionar com a realidade que vai além do que é imediatamente percebido. Ele sugere que a consciência pode criar um “mundo possível”, e o que é imaginado pode ter um impacto profundo na maneira como o ser humano se comprehende e age no mundo. Aqui, a experiência narrada transcende a distinção entre o real e o imaginário, fundindo o sujeito com a natureza. A narradora percebe a jiboia como parte de si e vice-versa, e essa fusão simboliza a interconexão entre seu ser e o mundo ao redor. O fato de que a dor desaparece quando a jiboia passa por seu corpo sugere que essa relação imaginada tem consequências reais, psicofísicas da narradora⁷.

5) *A dialética entre o para-si e o em-si*: a fusão com a jiboia pode ser interpretada à luz da dialética sartriana entre o *em-si* (o mundo objetivo, as coisas como são) e o *para-si* (a consciência, que dá sentido ao mundo). A narradora, ao se transformar simbolicamente na jiboia, experimenta a transcendência do *em-si* (a natureza física da jiboia) e do *para-si* (sua própria consciência). Isso simboliza o colapso temporário da separação entre o sujeito e o objeto, típico das experiências psicodélicas, e explora a liberdade da consciência de criar e redefinir significados.

6) *O imaginário como uma via de cura⁸ e reconciliação*: no final do relato, a narradora expressa a cura que experimenta ao abraçar sua interconexão com a natureza e com a jiboia.

⁷ No *Esboço para uma teoria das emoções* (2008), Sartre elucida a noção de corpo perturbado como um reflexo da experiência emocional, onde o corpo se torna o campo de batalha das tensões existenciais. Para ele, as emoções não são apenas respostas passivas a estímulos externos, mas também manifestações da liberdade do sujeito em face de sua realidade. A perturbação corporal, portanto, não se limita à resposta física, mas se entrelaça com a imaginação, pois é nesse espaço que o indivíduo pode projetar-se além de sua situação imediata. A imaginação permite ao sujeito transcender as limitações do corpo, criando cenários em que ele pode vivenciar outras possibilidades de ser. Assim, a perturbação do corpo, ao ser impregnada pela imaginação, torna-se uma forma de confrontar a angústia da existência, possibilitando novas interpretações da realidade e do eu. A imaginação, nesse contexto, não apenas acentua a experiência da perturbação, mas também oferece um caminho para a reinterpretação e a ressignificação do corpo e da identidade, promovendo uma luta contínua pela autenticidade e pela liberdade.

⁸ Na filosofia sartriana, a noção de “cura” difere radicalmente da visão psicanalítica freudiana, pois Sartre rejeita a ideia de um inconsciente que determina o comportamento e as neuroses do sujeito. Em vez disso, sua ontologia fenomenológica (SARTRE, 2007), ele considera os problemas psíquicos como escolhas conscientes, mesmo que sejam escolhas de má-fé – ou seja, tentativas de evitar a liberdade e a responsabilidade, mantendo-se em uma “fuga” diante das exigências da própria existência. Para Sartre, a “cura” seria, então, um processo de tomada de consciência, em que o indivíduo assume a liberdade e enfrenta a angústia de suas escolhas. Por outro lado, a psicanálise freudiana entende a cura como o resultado de trazer ao consciente os conteúdos reprimidos no inconsciente, permitindo ao sujeito uma compreensão mais profunda das forças internas que moldam seus comportamentos. Freud vê as neuroses como produtos de conflitos inconscientes que podem ser aliviados pela

Sartre argumenta que o imaginário nos permite reconciliar aspectos conflitantes de nós mesmos, e aqui vemos como a experiência imaginativa, simbolizada pelo ritual e pela conexão com a jiboia, serve como um meio de transformar a dor em algo comprehensível e manejável. Essa reconciliação pode ser vista como uma maneira de “curar” as divisões internas e alcançar um estado de maior autoconhecimento e aceitação.

O relato exemplifica várias ideias centrais na filosofia de Sartre. A imaginação, nesse contexto, permite à protagonista explorar sua liberdade e transcendência, superando a angústia e o peso das identidades impostas. A fusão com a jiboia representa a capacidade de criar novos significados, permitindo à consciência encontrar uma reconciliação entre o eu e o mundo, o real e o imaginário, o *para-si* e o *em-si*. Assim, a experiência vivida não é apenas uma alucinação, mas uma descrição filosófica da liberdade humana e da criação de sentido no mundo.

7. Entre mundos: a liminalidade e a transformação em rituais de passagem

O processo de autodescoberta e transformação em rituais de passagem pode ser profundamente compreendido através de conceitos antropológicos como a liminaridade de Victor Turner e a construção de significados de Clifford Geertz, que exploram o potencial transformador desses rituais e sua capacidade de ressignificar identidades. Para a presente análise, nos centraremos em três aspectos centrais:

1) *O contexto ritual e a liminaridade:* Victor Turner, em sua obra, introduz o conceito de liminaridade, que se refere ao estado intermediário em rituais, onde os indivíduos são retirados de suas identidades sociais normais e se encontram em um espaço de potencial e transformação. Liminalidade é, portanto, uma condição transitória na qual os sujeitos encontram-se destituídos de suas posições sociais anteriores, ocupando um entre-lugar indefinido no qual não é possível categorizá-los plenamente. No relato, a narradora inicia sua jornada em um espaço desconhecido, cercada por elementos sensoriais intensificados – cheiros, sons e a escuridão – que a afastam de sua realidade habitual. Essa transição a coloca

análise e integração desses elementos reprimidos. Enquanto a abordagem freudiana aposta na revelação de processos inconscientes para atingir a cura, a filosofia existencialista de Sartre foca na responsabilidade individual e na conscientização como um caminho para a superação dos conflitos psíquicos.

em um estado liminar, onde se vê confrontada com seus medos e inseguranças. O ritual que ela vivencia, marcado pela presença da terra, da fogueira e da cantoria, é um espaço de transformação. A afirmação do outro sobre sua identidade (“você irá ser a terra e a terra será você”) indica uma fusão entre o eu e o ambiente, um tema central na ideia de Turner sobre rituais de passagem, onde o indivíduo experimenta a morte simbólica de seu antigo eu para renascer em uma nova forma.

2) *A construção de significados:* Clifford Geertz, por sua vez, enfatiza a importância da interpretação cultural e dos significados que os indivíduos atribuem às suas experiências. O relato é repleto de símbolos – a jiboia, a terra e a fogueira – que representam não apenas a transformação da protagonista, mas também uma conexão profunda com sua ancestralidade e identidade coletiva. A jiboia, em particular, simboliza a dualidade da identidade da protagonista: ela é tanto a serpente quanto a mulher, refletindo a interconexão de todos os seres e a continuidade da vida. A experiência de dor e vulnerabilidade, seguida pela superação e reconhecimento de sua força, representa um processo de ressignificação. A protagonista, ao se aninhar e sentir a dor, vive um momento de introspecção que a leva a uma nova compreensão de si mesma. No final, a transformação é celebrada através da dança vital da jiboia, que simboliza a plenitude de sua identidade reconquistada.

3) *A experiência sensorial e a conexão com o sagrado:* o relato também destaca a importância da experiência sensorial na construção da identidade. A protagonista menciona a umidade da terra, o calor da fogueira e a dor física, criando uma conexão visceral com seu entorno. Essa imersão sensorial é essencial para a transformação, pois permite que ela se sinta parte de um todo maior, uma ideia que ressoa com a noção de Turner de que a liminaridade é um momento de profunda conexão espiritual. A interação com o ambiente natural e a invocação de ancestrais durante o ritual conectam a protagonista a uma dimensão sagrada, reforçando a ideia de que a identidade é moldada não apenas por experiências individuais, mas também por narrativas coletivas e culturais que permeiam a vida de cada ser.

O relato da protagonista encapsula a jornada de autodescoberta e transformação, refletindo a complexa intersecção entre identidade, ritual, cultura e imaginário. Seguindo as teorias de Victor Turner e Clifford Geertz, podemos entender como os rituais de passagem não apenas facilitam a liminaridade, mas também permitem uma ressignificação profunda da identidade. A transformação da mulher que se vê como jiboia é uma celebração da vitalidade e da interconexão de todos os seres, um lembrete de que somos mais do que rótulos e que a verdadeira identidade se revela através da experiência, da dor e da transformação. A análise

das experiências vividas no contexto ritual revela como conceitos antropológicos, como a liminaridade de Victor Turner e a construção de significados de Clifford Geertz, podem iluminar processos de autodescoberta e transformação identitária, evidenciando a interconexão entre o indivíduo, suas vivências e o ambiente cultural que o envolve.

8. Discussão

A análise do imaginário humano proposta neste artigo revela conexões significativas entre a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre e a etnografia. Ao explorar a imaginação como um ato de liberdade e criação de sentido, o estudo filosófico identifica a consciência humana como um elemento criador e transcidente que desafia a realidade concreta. Essa liberdade, embora fonte de possibilidades, também gera angústia e responsabilidade, elementos que caracterizam a condição humana em Sartre. A etnografia, ao ser incorporada na análise, oferece uma perspectiva prática sobre como essa liberdade é vivida em rituais de passagem, onde o imaginário permite que os indivíduos transcendam sua realidade cotidiana, reformulando suas identidades e relações com o mundo.

O relato etnográfico explorado reflete a experiência transformadora vivida pela protagonista em um ritual psicodélico, onde a imaginação desempenha um papel central na reconciliação de conflitos internos e na criação de um novo eu. Este processo ritualístico ecoa a noção sartriana de que o imaginário possibilita uma fuga do mundo dado, proporcionando um espaço seguro para que a consciência ressignifique a realidade e reinvente a própria identidade. A fusão da narradora com a jiboia simboliza a transcendência e ilustra como o imaginário atua como um facilitador da reconciliação e do autoconhecimento, essencial para a libertação de identidades impostas e para a conquista da autenticidade, conceito fundamental na filosofia sartriana.

A abordagem etnográfica também ilumina a maneira pela qual as práticas culturais e os significados construídos coletivamente permitem ao indivíduo reinterpretar sua existência. Na perspectiva de Clifford Geertz e Victor Turner, o ritual oferece uma fase liminar onde o participante, ao se despojar das normas sociais, explora novas possibilidades de existência. A conexão entre a filosofia de Sartre e a etnografia é, assim, enriquecida pela compreensão de que o imaginário não apenas transcende o real, mas transforma a relação do ser humano com

a cultura, as tradições e o sagrado. O relato etnográfico, portanto, não só amplia o entendimento da imaginação na filosofia sartriana, mas revela também como a imaginação, ao ser vivida em contextos rituais, se torna uma poderosa ferramenta para a autotransformação.

O artigo explora as profundas implicações da imaginação enquanto elemento de transcendência e de autotransformação, centrado em uma visão existencialista sartriana complementada pela análise etnográfica. A partir de uma experiência ritual psicodélica, o texto articula a liberdade e a responsabilidade que acompanham o ser humano ao criar significados próprios, além de ilustrar como o imaginário pode reconfigurar a identidade do sujeito em interação com a cultura e a natureza.

A filosofia de Jean-Paul Sartre contribui para a compreensão do fenômeno ao enfatizar a imaginação como um ato de liberdade que permite a criação de novos sentidos e possibilita ao ser humano transcender o dado. Nesse contexto, o fenômeno da imaginação não é apenas uma fuga do mundo real, mas uma via que possibilita a construção e a ressignificação contínua do eu, assumindo-se plenamente na sua liberdade e no peso das escolhas que o definem. Essa visão filosófica também se relaciona com a ideia de que a liberdade humana é inseparável da angústia e da responsabilidade, pois, ao transformar a realidade através do imaginário, o sujeito precisa lidar com as implicações e os desafios dessa nova percepção de si.

Os resultados do artigo impactam, portanto, o entendimento de conceitos como liberdade e autenticidade ao mostrar que a imaginação serve como um meio de integração e cura psicológica e cultural. A abordagem etnográfica reforça a importância dos rituais e das práticas coletivas na transformação individual e cultural, expandindo a reflexão filosófica para um contexto vivencial. Isso sugere que a filosofia, ao abordar a imaginação, não apenas analisa um conceito abstrato, mas abre caminho para explorar práticas de autoconhecimento e liberação que são experienciadas concretamente em contextos sociais, revelando a dimensão prática da filosofia existencialista.

Essa síntese entre filosofia e etnografia amplia nosso entendimento do imaginário, revelando como ele funciona tanto como uma ferramenta de liberdade quanto como um canal para a reinvenção de significados e identidades, essencial para a construção de uma existência mais autêntica e conectada culturalmente.

Reflexões finais

Em conclusão, este estudo abordou as relações entre a filosofia de Sartre sobre a imaginação e a etnografia de rituais psicodélicos, revelando como o imaginário atua como um mecanismo de liberdade, transcendência e ressignificação da identidade. Partindo da concepção sartriana da imaginação como ato criativo que desafia o real, o estudo mostrou como a consciência humana é responsável pela criação de sentido e, ao mesmo tempo, pela carga da angústia e responsabilidade dessa liberdade. A análise etnográfica enriqueceu a perspectiva filosófica ao evidenciar como rituais de passagem, ao exemplo dos rituais psicodélicos, possibilitam ao indivíduo romper com identidades passadas e explorar novas formas de ser, reforçando o papel transformador do imaginário na construção do si mesmo.

A contribuição desse estudo se estende tanto para a filosofia quanto para a etnografia ao propor uma abordagem interdisciplinar que conecta a teoria abstrata da liberdade e da criação de significado à observação de práticas culturais concretas. Este cruzamento permite compreender o imaginário como um ponto de intersecção entre o individual e o coletivo, o subjetivo e o cultural. No entanto, o estudo apresenta limitações: o foco em um único contexto ritual e a subjetividade inerente à experiência psicodélica limitam a generalização dos resultados.

Futuras pesquisas poderiam expandir essa abordagem ao explorar como outras práticas culturais influenciam a autotransformação, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do imaginário no contexto humano. Além disso, o desenvolvimento de metodologias que integrem ainda mais a fenomenologia existencialista e a etnografia pode enriquecer os estudos sobre o papel do imaginário em diversas culturas, aproximando a filosofia da análise empírica e revelando, assim, novas dimensões da experiência humana.

Referências bibliográficas

BEHAR, Ruth. *The vulnerable observer: anthropology that breaks your heart*. Boston: Beacon Press, 1996.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2014.

ELLIS, Carolyn. **The ethnographic I: a methodological novel about autoethnography.** Walnut Creek: Altamira Press, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação.** São Paulo: Editora Ática, 1996.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica.** Petrópolis: Vozes, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções.** Porto Alegre: L&PM, 2008.

TURNER, Víctor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura.** Petrópolis: Vozes, 1974.

Data da submissão: 30 Abr 2025.

Data do aceite: 01 Ago 2025.



Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).